

Modelos Funcionais Baseados no Uso

Metáfora e metonímia: estratégias discursivas nas construções das manchetes jornalísticas

Flávia Clemente de Souza

RESUMO: A partir da observação dos processos de metáfora e metonímia nos títulos das capas do jornal **O Globo**, em perspectiva diacrônica, abrangendo de 1930 a 2010, este estudo busca comprovar a hipótese de que estas construções não são utilizadas aleatoriamente, mas representam escolhas não-arbitrárias e são poderosos elementos de compreensão do texto jornalístico impresso. O trabalho aborda os conceitos teóricos a partir da perspectiva dos principais autores que estudam metáfora e metonímia, particularmente com suporte nas visões de Roman Jakobson e George Lakoff.

PALAVRAS-CHAVE: metáfora; discurso; jornalismo

ABSTRACT: From the observation of metaphor and metonymy processes in the headlines of the **O Globo** Brazilian newspaper, in a diachronic perspective from 1930-2010, this paper seeks to prove the hypothesis that the constructions are not used randomly, but represent non-arbitrary choices and are powerful elements of understanding. This paper addresses the theoretical concepts from the perspective of the main authors studying metaphor and metonymy, particularly those formulated by Roman Jakobson and George Lakoff.

KEYWORDS: metaphor; discourse; journalism

Introdução

As frequentes metáforas e metonímias que fazem parte do universo das manchetes dos jornais impressos comprovam seu papel relevante para a edição jornalística. Neste trabalho, após um breve resumo dos conceitos utilizados para realizar a análise, pretende-se demonstrar, através de exemplos, como se dão algumas das escolhas mais prototípicas feitas pelos jornalistas, as quais se enquadram na ideia de estratégias discursivas – termo usado aqui para realçar a não-arbitrariedade das construções.

O objeto desta análise são os jornais impressos, devido à possibilidade de fazer um estudo diacrônico, pois existem exemplares disponíveis ao longo de um intervalo de tempo de mais de um século. A base de dados é formada pelas capas do jornal **O Globo**, impressas entre 1930 e 2010. A amostragem foi selecionada de forma aleatória. Foram coletados todos os títulos da capa de um exemplar por década, variando o mês e o dia da semana por sorteio, de forma a garantir que o *corpus* não seja influenciado pela sazonalidade ou por fatos específicos de grande impacto, que interferem diretamente no contexto das edições.

No total, 113 títulos foram coletados. Como a quantidade não pode ser considerada representativa para análise estatística, os processos de metáfora e metonímia existentes foram levados em consideração qualitativamente. A ideia central é comprovar que ambos os processos – metáfora e metonímia – são usados nas manchetes com intencionalidade.

1 Pressupostos teóricos

Para analisar as manchetes dos jornais, será utilizada a abordagem construcional, que se mostra adequada porque possibilita interpretar as manchetes de forma esquemática, o que permite ir além da análise somente do conteúdo semântico-pragmático. A noção de construção apresentada se baseia em Goldberg (2006:18): « *construções são pareamentos simbólicos específicos de forma e significado e podem ter qualquer tamanho – de uma cláusula complexa a um afixo* ». Em outras palavras, construções são as unidades básicas da língua. Podem

existir no nível da cláusula, frases, colocações, palavras e morfemas – todos podem ser analisados pelo modelo construcional.

Como fio condutor da análise, estarão os conceitos de metáfora e metonímia e o de domínio conceitual. Lakoff e Johnson (1980:3) afirmam que, apesar de a metáfora ser considerada um recurso retórico ou estilístico, e, por conta disso, a maior parte das pessoas a perceberem como algo que é possível viver sem, na verdade, os processos metafóricos penetram no dia-a-dia da nossa vida, não só através da linguagem, mas nos pensamentos e ações. “Nosso sistema conceitual ordinário, em termos do que nós pensamos e fazemos, é fundamentalmente metafórico em sua natureza” (LAKOFF, JOHNSON, 1980:3).

Uma ideia central na abordagem construcional é a rede [*network*]. A rede representa uma metáfora inserida na noção de domínios conceituais, desenvolvida pelos linguistas cognitivos, com destaque para George Lakoff (1980, 1987), a partir de um paralelo com a forma de processamento da mente humana, que não se dá de forma linear e nem estruturada em tipos. A rede seria, portanto, uma forma de representar teoricamente o raciocínio por analogia e traçar paralelos com outras formas de processos cognitivos gerais da mente humana, tais como a visão e a audição. Esses domínios formam campos conceituais através dos quais organizamos nossos pensamentos e a linguagem.

Metáforas conceituais integram os dois domínios conceituais (por exemplo, ARGUMENT is WAR integram o domínio ‘discussão’ ao domínio ‘guerra’). Desta visão de Lakoff, vários autores desenvolvem suas teorias ligando metáfora e cognição e sobre os domínios conceituais, o mapeamento e o destacamento de domínios.

Mapeamento metafórico envolve um domínio-fonte e um domínio-alvo... O mapeamento é tipicamente parcial. Ele mapeia a estrutura no domínio-fonte em uma estrutura correspondente no domínio-alvo. Um mapeamento metonímico ocorre dentro de um único domínio conceitual, o qual é estruturado por um ICM (*modelo cognitivo idealizado).

(LAKOFF, 1987:114)

A visão de Heine se mostra consonante com os principais teóricos – a de que a metáfora opera no eixo paradigmático, se dá por analogia, na inter-relação entre domínios conceituais, e envolve implicaturas convencionais. Quando atua no processo de gramaticalização, o que ocorre é a abstratização. Um significado literal começa a ser transferido para outros domínios menos conceituais. Começa a haver

violação das regras e anomalias semânticas (por exemplo, um verbo de movimento, como ir não requerer mais um sujeito humano). Elementos associados ao mundo físico começam a ser usados para se referir a conceitos abstratos. Costuma trazer características de ambiguidade e polissemia porque o contexto literal ainda está presente.

1.1 Metáforas, metonímias e os jornais

A partir da visão da construção de metáforas como estratégias discursivas, nos deparamos com uma questão conceitual relevante. Existe uma contradição intrínseca às definições de metáfora e metonímia, conforme foram apresentadas aqui. Encara-se a metáfora como *locus* da inovação, como a contiguidade, como a transferência entre domínios. Isso quer dizer que a metáfora seria, hipoteticamente, o lugar das polissemias, mais sujeito às múltiplas interpretações possíveis. Já a metonímia seria o *locus* da função referencial, não haveria uma transferência entre domínios e as ideias seriam transmitidas de forma a gerar menos possibilidades de interpretação. Seria o lugar da paráfrase. No entanto, a interpretação dos pesquisadores mostra que pode se dar o oposto do ponto de vista cognitivo: Lakoff coloca as metáforas como o nosso equipamento para a compreensão do mundo. Para o autor, elas traduzem, sintetizam, explicam o mundo à nossa volta, transformam conceitos complexos em entidades simples. Fazem parte do nosso sistema conceitual e, dessa forma, se naturalizam. Existem na língua e são usadas todo o tempo, sem serem percebidas. Já a metonímia, por se tratar de uma interpretação de uma realidade a partir de um referente, se mostra mais abstrata, menos direta, dá menos capacidade de compreensão. Ou seja, para ambos os processos, temos definições que parecem antagônicas, mas que, no fundo, não se contradizem, porque sua análise deve se ancorar em seu funcionamento.

Essa ideia é de fato adotada pelos jornais, de forma intencional. Está previsto no Manual de Redação da Folha de S. Paulo (1996)¹ (e de outros jornais), como o uso de metáforas e metonímias deve ocorrer

¹ Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fohla/circulo/manual_texto_m.htm (acesso em 24/6/2014)

Metáfora - Figura de linguagem na qual a significação imediata de uma palavra é substituída por outra, subentendendo uma relação de semelhança: lábios de mel. **Pode ser útil para tornar um texto mais didático:** Placas tectônicas são balsas que carregam os continentes sobre um mar de rocha incandescente.

Evite metáforas desgastadas pelo uso excessivo: aurora da vida, página virada, silêncio sepulcral, o presidente prometeu levar a nação a porto seguro, luz no fim do túnel. Veja cacoete de linguagem.

Metonímia - Figura de linguagem que consiste em substituir um termo por outro com base em contiguidade semântica: Ler [uma obra de] Machado de Assis; Beber [o conteúdo de] uma garrafa. **Se bem usada, pode tornar o texto mais conciso.**

(Manual de Redação da Folha de S. Paulo, 1996, grifo nosso)

2. Análise dos dados

Na nossa amostragem, o primeiro título que chamou a atenção vem da década de 1930: *“Abandonado pela esposa que desgraçara, abateu-a, a tiros, covardemente!”*. Neste caso, o sujeito nem mesmo aparece, mas a metáfora é clara. O verbo abater encontra-se no domínio bélico e permite várias leituras a partir deste domínio, analisado por Lakoff através da metáfora *‘argument is war’*. Lakoff aponta *argument* como domínio-fonte e *war* como domínio-alvo. A metáfora se encontra no verbo, mas autoriza a leitura do sujeito no mesmo sistema conceitual.

Algumas inferências que podem ser feitas a partir desse domínio são: tratou a esposa como um animal, não como um ser humano; existe um paralelo entre os conceitos caça/caçador e vítima/agressor; e de que brigas são ‘bélicas’. Vale ainda lembrar que o verbo abater, além de fazer parte do domínio ‘caça’, também faz parte do domínio ‘guerra’, o que reforça o sentido bélico que o jornal quis dar (aviões de guerra são abatidos, os mísseis abatem, os inimigos são abatidos).

Em 1940, encontramos o dado *“As próprias máquinas se encarregam de distribuir a correspondência!”*. Neste caso, temos um processo claro de personificação, que se dá no verbo escolhido para anunciar o que as novas máquinas dos Correios fazem: *‘se encarregam’*. Obviamente que as máquinas são operadas por pessoas, mas o interesse do jornal é ressaltar a modernidade, como se elas funcionassem sozinhas. O importante a ressaltar aqui é que o sintagma *‘máquinas’* poderia acumular traços não-humano e inanimado, no entanto, percebe-se claramente que se apresenta um sujeito agentivo e animado. Já no

título de 1980, “*Cebola na feira chega a Cr\$ 90 o quilo*” temos o mesmo tipo de construção, na qual o sujeito é prototípico do ponto de vista sintático. No entanto, seus traços não o são (não-humano/inanimado). Não existe a menor possibilidade de a cebola ser agente, a não ser por autorização do processo verbal, que é determinante na escolha dos sujeitos. Neste caso, o verbo chegar já possui o sentido – convencionalizado nos dicionários – de atingir, o que sanciona sujeitos menos animados, o que pode apontar para uma interpretação deste sujeito como um caso de metonímia. Por outro lado, nos dois exemplos, tanto o verbo encarregar (-se) quanto o verbo chegar são prototípicos de processos materiais. O uso do pronome reflexivo aumenta mais ainda a sensação de personificação das máquinas, que assumem vida própria, não se fazendo necessária a presença humana. A explicação de Lakoff sobre a facilidade de apreensão de sentidos através do tipo de metáfora apresentada como personificação fica evidente.

Já os processos metonímicos se mostram de fato mais referenciais: Em 1930, encontramos ‘*De novo entra a lavoura paulista numa fase de processos officiaes e ardiloso*’, no qual *a lavoura paulista* representa genericamente todos os lavradores paulistas. Em ‘*Pintados os bronzes artísticos da Bibliotheca Nacional*’, também da década de 30, há outra metonímia, especificamente sinédoque (a parte pelo todo). ‘*Os bronzes*’ se referem às estátuas de bronze da fachada do prédio.

Em 1950, temos ‘*Ameaçado de ruidoso esfacelamento o PSD*’. Neste caso, temos uma metáfora contêiner, que transforma algo abstrato – um partido político – em algo concreto, como um objeto. Com a metáfora, é possível usar o verbo ‘esfacelar’, como se o partido pudesse se quebrar de fato.

Nos anos 2000, o título ‘*Prefeito cria mortos para obter verbas*’ é uma metáfora, pois não é possível ‘criar’ mortos. A ideia é de que ele cultivou os defuntos, como se fosse uma plantação, para depois ‘lucrar’ com sua venda. Ou que ele os inventou. É um título que pode ser considerado inovador, pois não é um tipo de construção frequente e também não é idiossincrática.

Conclusão

No decorrer da coleta dos dados, algumas construções foram selecionadas, de forma a analisar aspectos específicos. Neste caso, o interesse não é perceber a frequência ou o esquema construcional, mas analisar de que forma se dão os

processos que sancionam gerar novos sentidos ou inovações. Para isso, os dados devem ser encarados como unidades de significação, que podem ser analisadas em si mesmas, antes mesmo da influência do papel da frequência na convencionalização. Esse tipo de análise se mostra relevante principalmente para perceber as estratégias discursivas que subjazem às escolhas linguísticas, o que implica que as construções não são arbitrárias e nem regidas somente por restrições sintáticas. É o que Lakoff (1987) considera domínios conceituais, os quais só podem ser compreendidos a partir da cognição e que fazem parte da vida das pessoas o tempo todo, mesmo que elas não percebam. Analisar os dados qualitativamente se mostra relevante para sistematizar os usos que o jornalismo faz dos processos de metáfora e de metonímia para significar.

O que nos parece, a partir dessa visão inicial, é que os jornais evitam, hoje em dia, usar a metáfora estilística, que consideram vulgar, embora tenha sido muito usada em décadas anteriores. Por outro lado, fazem uso das metáforas conceituais para explicar, através de paralelos entre domínios, assuntos complexos em embalagens ‘simples’. O uso da metonímia, por outro lado, serve para dar concisão às ideias e se mostra um recurso bastante comum também. O que devemos considerar é que o sentido se dá na interação e os interlocutores nem sempre irão perceber as construções da forma como são elaboradas, principalmente nos momentos de inovação.

O que se percebe, portanto, é que além de sistematizar as construções usadas pelos jornais, é preciso também sistematizar os domínios conceituais nos quais as metáforas se dão. É a partir dessa rede de construtos presentes nos domínios que se dá a compreensão, com importante participação dos leitores. Por exemplo, é comum que as pessoas só leiam determinados gêneros. Alguém que lê cadernos esportivos será apresentado a domínios conceituais diferentes de quem lê cadernos de economia, os quais muitas vezes são criticados por empregar ‘economês’. As editorias de política são diferentes das editorias internacionais. Cadernos de cultura possuem alguns domínios conceituais herméticos, voltados só para quem já tem conhecimento de mundo sobre determinados assuntos. Leitores que não estejam habituados a jornais populares podem se deparar com estranhamento ao ler manchetes que brincam com ambiguidade e ironia.

REFERÊNCIAS:

BYBEE, Joan, *Language, Usage And Cognition*, Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*, 1ª ed., 2ª. reimp. São Paulo: Contexto, 2012.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*, Oxford University Press, 2001.

CUNHA, M.A, BISPO, E.B e SILVA. J.R., “Linguística Funcional Centrada no Uso: Conceitos Básicos e Categorias Analíticas” In CEZARIO, M.M. e CUNHA, M.A. (orgs.), *Linguística Centrada no Uso: Uma homenagem a Mário Martelotta*, Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2013.

DIRVEN, René. “Metonymy and metaphor: Different mental strategies of conceptualization”, in *Metaphor and Metonymy in comparison and contrast*, René Dirven e Ralf Pörings (Eds.), Berlin: New York: Mouton de Gruyter, p.75-111, 2003.

FILLMORE, Charles. “The case for the case” In BACHS e HARMS, *Universals in Linguistic Theory*, Holt, Rinehart and Winston, Nova Iorque, 1968.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at Work: The nature of generalization in language*. Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. University of Chicago Press, 1995.

GOSSNENS, Louis. “Metaphtonymy: The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action”, in *Metaphor and Metonymy in comparison and contrast*, René Dirven e Ralf Pörings (Eds.), Berlin: New York: Mouton de Gruyter, p.349-377, 2003.

JAKOBSON, R. ‘The metaphoric and metonymic poles’, in *Metaphor and Metonymy in comparison and contrast*, René Dirven e Ralf Pörings (Eds.), Berlin: New York: Mouton de Gruyter, 2003 [1956] (p.41-47)

JAKOBSON, Roman, *Linguística e Comunicação*, 24ª ed., Rio de Janeiro: Cultrix, 2007.

LAKOFF, G, et JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 [1980].

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things: what categories reveal about the Mind*. The University of Chicago Press, Chicago, 1985.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol.1: *Theoretical Prerequisites*. Stanford University Press, 1987.

TAYLOR, J.R. *Cognitive Grammar*, Oxford Linguistics, 2002.

_____. *Linguistic Categorization*. Oxford University Press, 3a. ed., 2003.

Recursos digitais online:

Manual de Redação da Folha de S. Paulo: Acessível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_m.htm